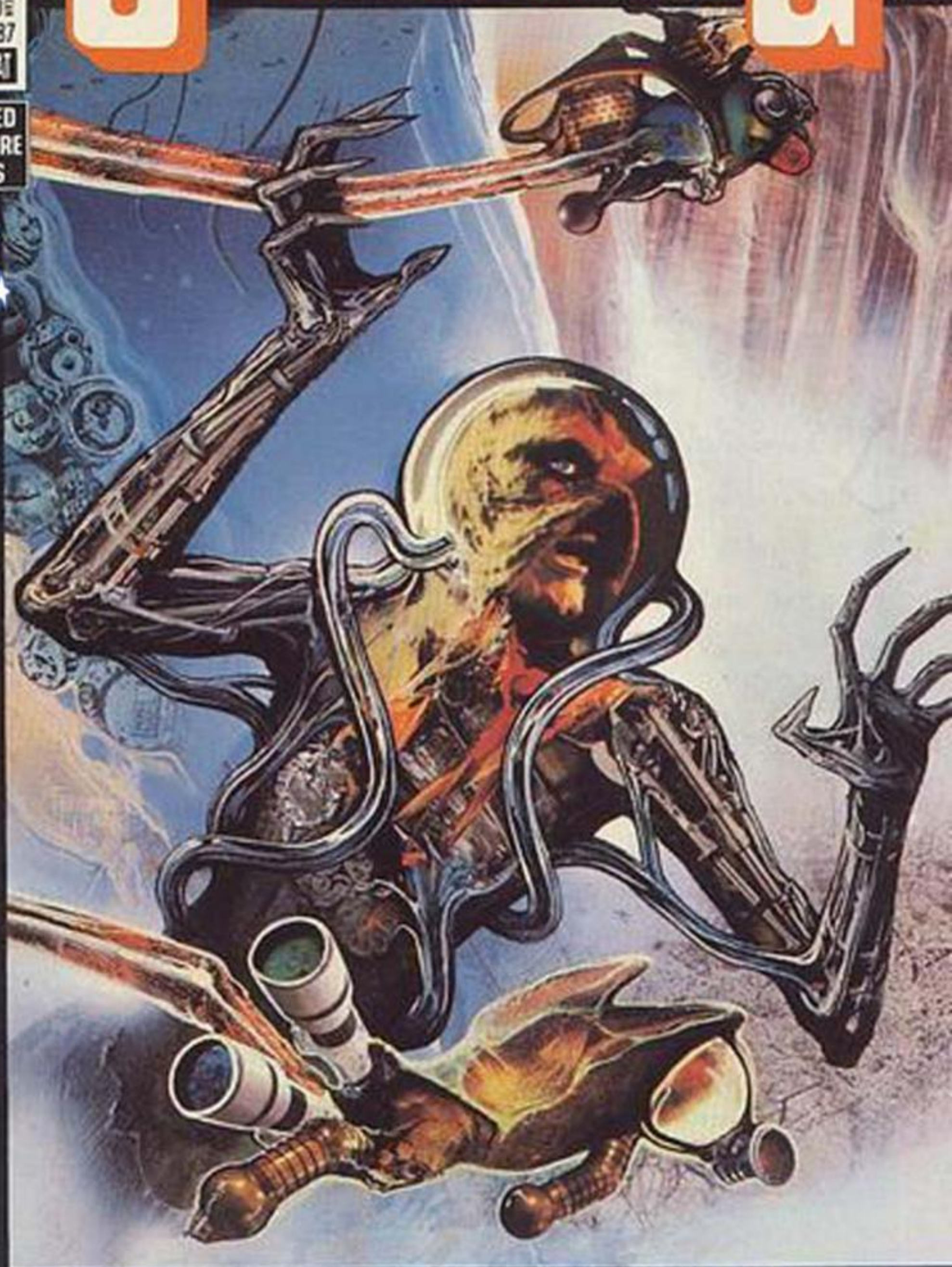




BRAND NEW FORMAT! SPECIAL PRICE!

# SWAMP THING

SUGGESTED  
FOR MATURE  
READERS



By ALAN MOORE & JOHN TOTLEBEN



"Quietos, pequeninos. Não se atormente.  
O espaço é frio. Você é quente.  
O espaço é vazio. Você é presente.  
O espaço é antigo. Você é recente.  
Durma e forme-se. Durma e forme-se."

Não?

Ainda acordados?

Minha canção de ninar não encanta suas mentes e derrama seus pensamentos na grande-escuridão-lá-fora-que-é-tudo? O pequeninos, estou cansada e o sangue e o minério circulam lentamente dentro de mim, mas vocês: vocês estão despertos e inquietos em seus casulos. Suas engrenagens e capilares cobertas de óleo quente me espetam quando se movem.

O que os perturba?  
São os Robôs dos Sonhos que esvoaçam por seus berços, alimentando-os com o néctar fresco da inteligência, a estrutura química de cada gota codificada com um oceano de conhecimentos? Seus bicos estreitos gotejam álgebra, ciberbotânica e uma cascata de linguagens excelentes. Não seriam eles que os impedem de dormir?

É a luz? Devo aumentar o número de facetas em minha cúpula ótica e dividir seu brilho ainda mais finamente?

É minha voz? Devo reequalizar seus doze níveis, destacando o subsônico?

Não.

Não, não são os robôs ou a luz ou a minha canção que impedem seu suave repouso.

Vocês estão esperando.

Esperando que eu conte a história...



...da semente que veio  
através da  
grande-escuridão-lá-fora-que-  
é-tudo, fruto de nenhum  
testículo, exceto o Cosmos...

...do espírito que nadou  
por mecanismos  
e foi violentado  
por uma ilha...

Muito bem. Eu  
conto para vocês...

Eu lhes mostrarei.

Vejam: pulsos de luz aguçada correm  
por minhas fibras até suas lentes  
despertadas, formando juntos um  
quebra-cabeças fotoelétrico, um  
mosaico de pontos de fósforo de seu  
favor divino...

...que iremos adorar e  
glorificar até que todos os  
sóis fiquem cinzas.

MONS  
TRODO  
PÂN  
TANO

CRIADO POR LEN WEIN & BERNI WRIGHTSON

MOORE  
ALAN  
ESCRITOR

WOOD  
TATJANA  
COLORISTA

BOVE  
STEVE  
PRODUCAO

TOTLEBEN  
JOHN  
ARTISTA

BRUNING  
RICHARD  
TITULO

BOWIE  
DAVID  
MUSICA

Loving  
the Alien



Minha história começa quando as estrelas estavam a um décimo de volta de sua localização atual, e esse é um tempo considerável.

Cochilando em meu casulo enquanto os robôs de minha mãe escorriam data líquida, senti as mentes de meus irmãos se agitando nas câmaras além da minha. Sua masculinidade e sua diferença me excitavam, mas minha mãe, a ilha, censurou gentilmente sua única filha:

"Ainda não," disse ela.  
"Espere."

"Espere, você também será uma ilha, e seus irmãos, grãos de poeira, em comparação. Espere, e, quando estiver crescida, eu lançarei todos vocês na grande-escuridão-lá-fora-que-é-tudo. Talvez um de seus irmãos a reencontre; ou talvez essas ardentes sementes-meninos nadem através da treva para cortejar a filha única de outra ilha, ou ainda um dos filhos daquela ilha virá a você, impulsionando-se pelo éter negro com sua esplêndida cauda prateada.

"Então você conhecerá o êxtase e o grande calor da fusão com outro cuja carne é como a sua. Conhecerá o orgulho melancólico que vem com seus primeiros casulos: bolhas de vidro inicialmente; lisas e frias; suavizadas pelo circuito fungóide que rapidamente as cobre.


"Você saberá então o que é ser amada e ser uma mãe.

"Até então, você deve esperar.

"Esperar".







*E esperai.*

*Depois de algum tempo, fui expelida do útero de ferro e celulose de minha mãe, cusplida na grande-escuridão-lá-fora-que-é-tudo para aguardar meu primeiro amante.*

*E esperai.*

*E esperai.*

*As estrelas giraram vagarosamente, mas nenhum pretendente veio, exceto aqueles biologicamente incapazes de saciar a necessidade que há dentro de mim: viajantes alienígenas de todas as espécies, talvez um dentre mil capaz de compreender no que entrava. Eles vieram, seres feitos de gelo inteligente e criaturas formadas de hastes brancas e fibras vermelhas. Eles vieram em carruagens ruidosas e flamejantes ou derramaram seus átomos por raios de luz azul.*

*Alguns me tomaram por um planeta, um satélite solar sem dono, do qual poderiam extrair minério ou infestar com o excedente de suas populações.*

*Alguns, percebendo a elaboração de minha ciberestrutura, concluíram que talvez eu fosse uma nave, um engenho de guerra gigante que poderia ser domado e voltado contra seus inimigos.*

*Todos pereceram, suas carruagens e cadáveres triturados pelas engrenagens de um processo biológico incompreensível para eles, mortos por anticorpos metálicos pouco graciosos.*

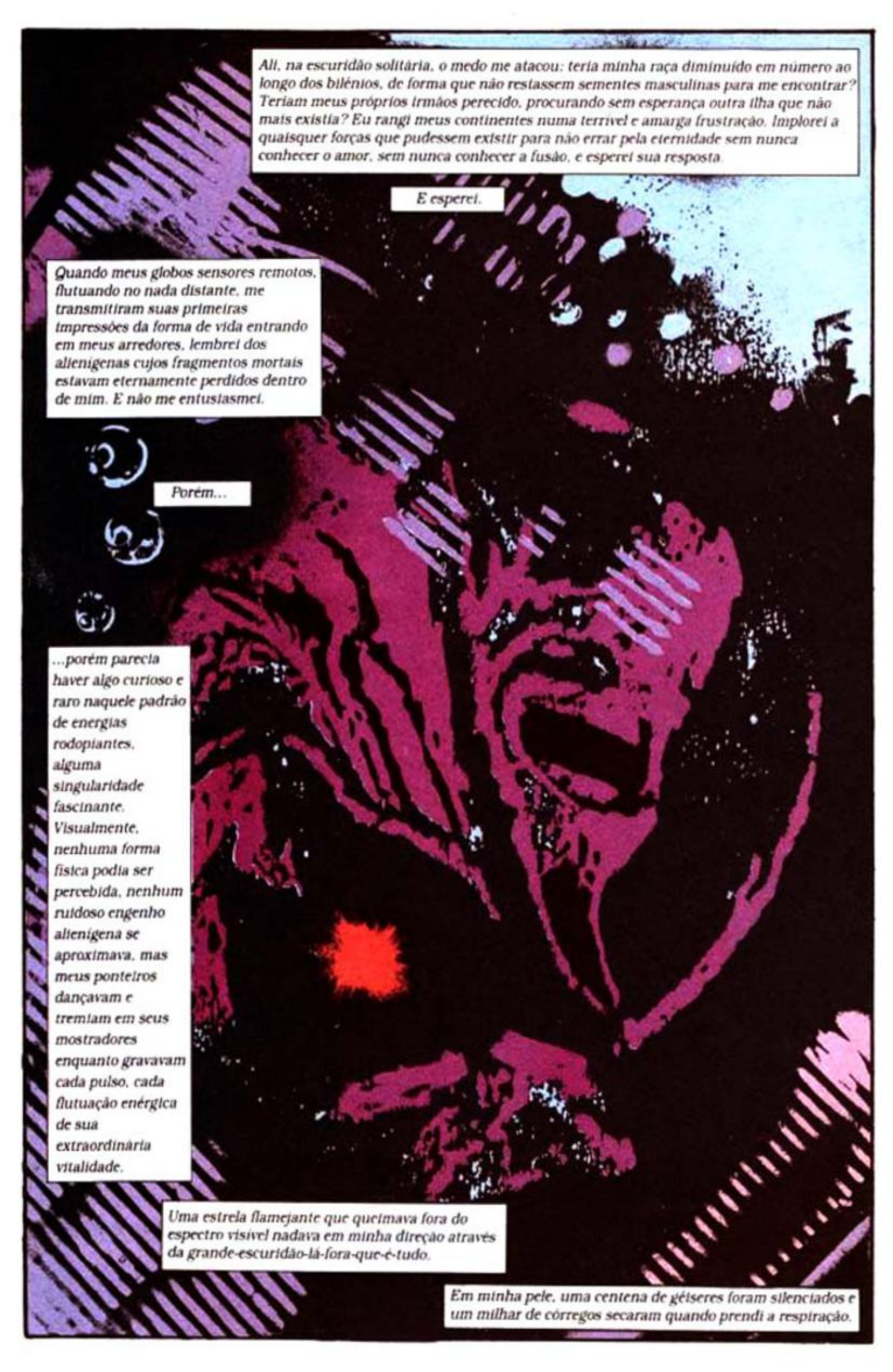
*Sua carne não era como a minha. Eu não podia fundir-me a eles.*

*De seus restos extraí os minerais que pude, absorvendo-os em minha própria massa. Aquilo que não pude ingerir se decompôs dentro de meus infindáveis corredores intestinais.*

*E chorei por eles, e por mim mesma.*

*E esperai.*





*Alli, na escuridão solitária, o medo me atacou: teria minha raça diminuído em número ao longo dos bilênios, de forma que não restassem sementes masculinas para me encontrar? Teriam meus próprios irmãos perecido, procurando sem esperança outra ilha que não mais existia? Eu rangi meus continentes numa terrível e amarga frustração. Implorei a quaisquer forças que pudessem existir para não errar pela eternidade sem nunca conhecer o amor, sem nunca conhecer a fusão, e esperei sua resposta*

*E esperei.*

*Quando meus globos sensores remotos, flutuando no nada distante, me transmitiram suas primeiras impressões da forma de vida entrando em meus arredores, lembrei dos alienígenas cujos fragmentos mortais estavam eternamente perdidos dentro de mim. E não me entusiasmei.*


*Porém...*

*...porém parecia haver algo curioso e raro naquele padrão de energias rodopiantes, alguma singularidade fascinante. Visualmente, nenhuma forma física podia ser percebida, nenhum ruído ou engenho alienígena se aproximava, mas meus ponteiros dançavam e tremiam em seus mostradores enquanto gravavam cada pulso, cada flutuação energética de sua extraordinária vitalidade.*

*Uma estrela flamejante que queimava fora do espectro visível nadava em minha direção através da grande-escuridão-lá-fora-que-é-tudo.*

*Em minha pele, uma centena de géiseres foram silenciados e um milhar de córregos secaram quando preendi a respiração.*





Enganado por este intruso invisível, meu visor ótico ondulava com luzes loucas, um brilho agitado que faiscava de tela em tela sem encontrar nada, enquanto eu sentia aquela bola de fogo espectral crepitando cada vez mais perto, fervente e borbulhante...

No momento do impacto, uma onda de choque de sons e imagens estranhas percorreu meu ser, e, naquele instante de surpresa e concussão, tive uma breve visão mental do invasor.

Ele era simétrico, e seus nichos óticos, duas chagas ardentes na escuridão ao redor. Sob isso, seus traços eram um emaranhado de órgãos indecifráveis e componentes para os quais eu não tinha nomes. Mesmo assim, aqueles olhos, aqueles olhos me paralisaram, me perfuraram com sua intensidade, sua enorme paixão...

A visão se desfez quase antes de se formar, sua inteligência penetrando nos aglomerados de raízes e engrenagens e cabos profundos de minha substância como um relâmpago enterrado.

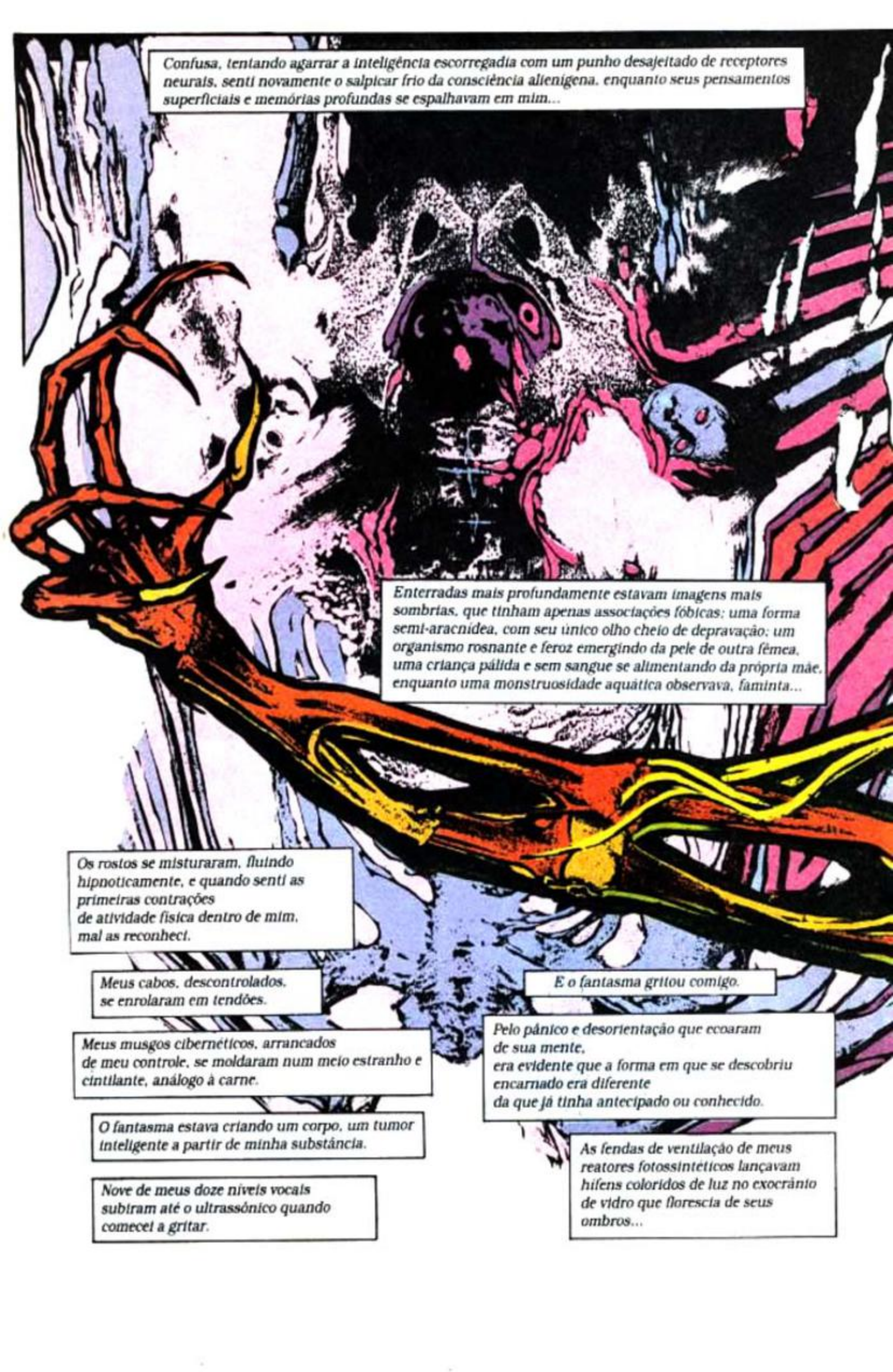
Quase subliminarmente, notei que havia uma dobra no tecido do tempo naquele momento crítico, e soube que em algum ponto do futuro me encontraria executando uma cronofratura, mas essa revelação menor foi expulsa de minha mente enquanto minhas sondas buscavam cegamente alguma evidência tangível do intruso.

Não havia nenhuma.

O intruso não possuía corpo. Era um fantasma.

Um fantasma que nadava entre mecanismos.





Confusa, tentando agarrar a inteligência escorregadia com um punho desajeitado de receptores neurais, senti novamente o salpicar frio da consciência alienígena, enquanto seus pensamentos superficiais e memórias profundas se espalhavam em mim...

Enterradas mais profundamente estavam imagens mais sombrias, que tinham apenas associações fóbicas: uma forma semi-aracnídea, com seu único olho cheio de depravação; um organismo rosnante e feroz emergindo da pele de outra fêmea, uma criança pálida e sem sangue se alimentando da própria mãe, enquanto uma monstruosidade aquática observava, faminta...

Os rostos se misturaram, fluindo hipnoticamente, e quando senti as primeiras contrações de atividade física dentro de mim, mal as reconheci.

Meus cabos, descontrolados, se enrolaram em tendões.

Meus musgos cibernéticos, arrancados de meu controle, se moldaram num meio estranho e cintilante, análogo à carne.

O fantasma estava criando um corpo, um tumor inteligente a partir de minha substância.


Nove de meus doze níveis vocais subiram até o ultrassônico quando comeci a gritar.

E o fantasma gritou comigo.

Pelo pânico e desorientação que ecoaram de sua mente, era evidente que a forma em que se descobriu encarnado era diferente da que já tinha antecipado ou conhecido.

As fendas de ventilação de meus reatores fotossintéticos lançavam hifens coloridos de luz no exocrânio de vidro que florescia de seus ombros...





Traçando um mapa fluorescente do cérebro da entidade, vi criaturas semelhantes à minha primeira visão desse estranho insubstancial, porém, NÃO como ele. Elas eram feitas de coisas vermelhas, ele de verde. Acima de todas havia uma presença cuja extremidade superior era coberta de uma massa de fios brancos. Sentindo um poderoso impulso erótico, embora secundariamente, especulei se essa seria a fêmea da espécie.

...Cintilavam em lenta rotação nas engrenagens de um mamilo...

...Falscavam sobre as hipodérmicas articuladas de seus talos como a fala rápida e codificada de lanternas sinalizadoras...

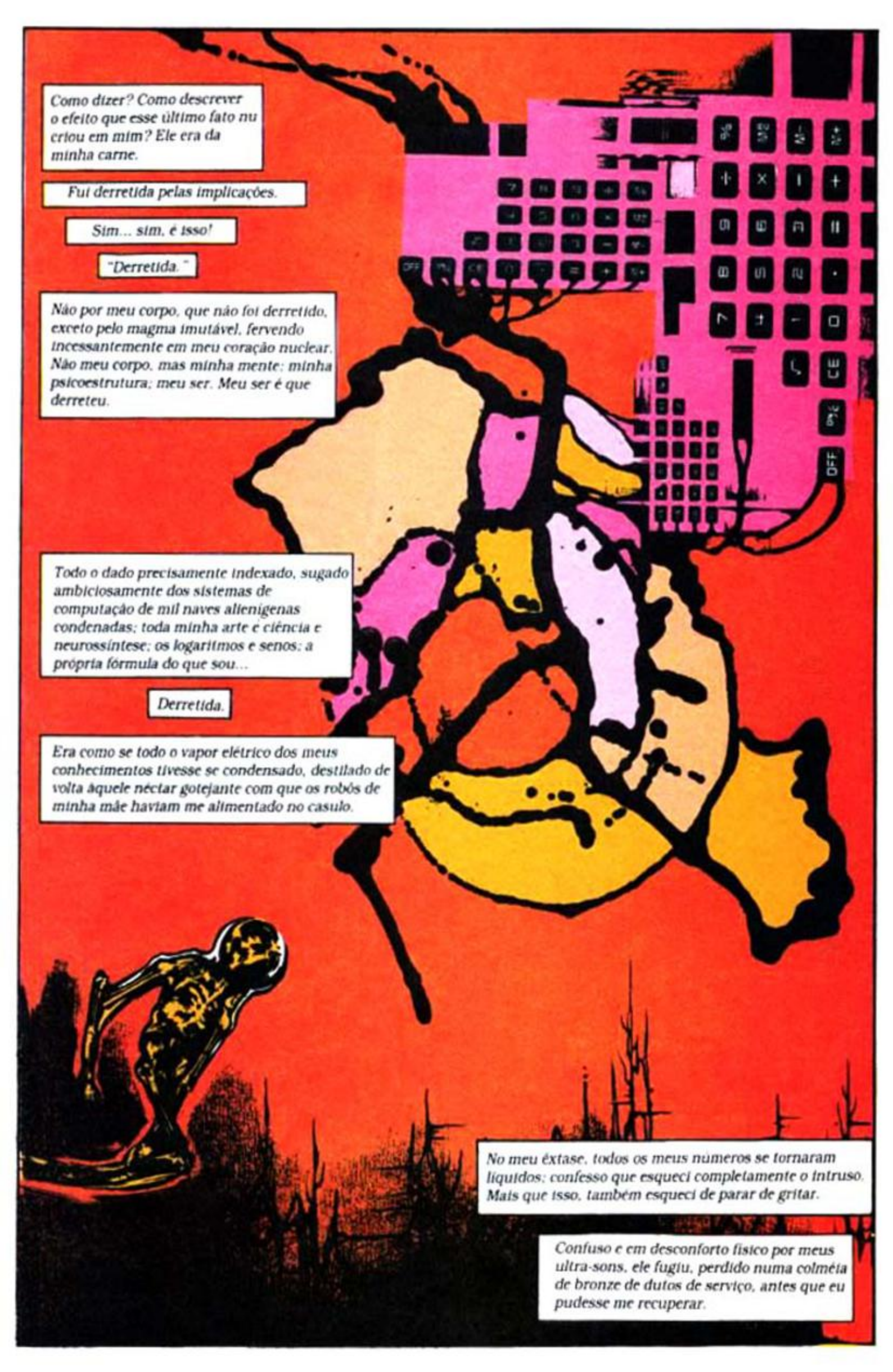
Completamente formado, ele girou e ondulou na luz listrada, uma escultura fabulosa e agonizante de metal subitamente animada.

Ele era lindo.

Ele era outro.

Ele era da minha carne.





*Como dizer? Como descrever  
o efeito que esse último fato nu  
criou em mim? Ele era da  
minha carne.*

*Fui derretida pelas implicações.*

*Sim... sim, é isso!*

*"Derretida."*

*Não por meu corpo, que não foi derretido,  
exceto pelo magma imutável, fervendo  
incessantemente em meu coração nuclear.  
Não meu corpo, mas minha mente; minha  
psicoestrutura; meu ser. Meu ser é que  
derreteu.*

*Todo o dado precisamente indexado, sugado  
ambiciosamente dos sistemas de  
computação de mil naves alienígenas  
condenadas; toda minha arte e ciência e  
neurossíntese; os logaritmos e senos; a  
própria fórmula do que sou...*

*Derretida.*

*Era como se todo o vapor elétrico dos meus  
conhecimentos tivesse se condensado, destilado de  
volta àquele néctar gotejante com que os robôs de  
minha mãe haviam me alimentado no casulo.*

*No meu êxtase, todos os meus números se tornaram  
líquidos; confesso que esqueci completamente o intruso.  
Mais que isso, também esqueci de parar de gritar.*

*Confuso e em desconforto físico por meus  
ultra-sons, ele fugiu, perdido numa colméia  
de bronze de dutos de serviço, antes que eu  
pudesse me recuperar.*



Levei apenas instantes para triangular seus sinais vitais, o tempo que ele levou para alcançar o nó central de uma matriz de transporte usada por robôs de manutenção. No centro dessa tela gigante e abstrata, túneis subespaciais conduziãam aos domínios finais do meu corpo...

Os campos de gelo de meu selo.

O oceano assombrado de redemoinhos em minha frente e o deserto em meu ventre...


Afastando pálpebras de circuito e celulose para longe do aço fotossensível de seus olhos, ele olhou com terror; com fascinação, enquanto meus robôs enterravam dedos-cravos de ouro branco na macia carne vegetal de seus próprios abdomens, mãos frias brilhando molhadas, tateando entre seus intestinos para reajustar, recalibrar, alterar coordenadas antes de penetrar na abertura pulsante à sua escolha e desaparecer, simplesmente desaparecer.

Esperando recapturá-lo enquanto ele permanecia enraizado com incompreensão, eu estendi dedos magnéticos ansiosos com impressões digitais ondulantes; tentáculos que alcançaram, agarraram, foram lentos demais...

Em sua fuga dos campos de força brilhantes, cobiçosos, ele pisou num túnel subespacial e se foi, caindo sem coordenadas num destino aleatório...

Esperei que não fosse o magma, ou, pior ainda, o coração.





Procurando freneticamente, piscando os olhos como enormes lagos congelados, localizei seu ponto de saída da matriz: uma encruzilhada de serviço em minha casca mais externa, uma zona de falsa gravidade. Ao emergir do túnel subespacial ele se debateu inutilmente, um estranho peixe de cromo açoitando uma praia de hospício sem lado de cima ou de baixo.

Sob ele, acima dele, ao seu lado, o panorama aéreo de uma mecanópolis balançava e girava.

A visão do teto esverdeado de meu complexo hidropônico, drenando a luz de sóis distantes para os canteiros abaixo, onde rosas de estanho com pétalas de lata giravam suas cabeças cor de petróleo, seguindo a luz...

Os domos pulsantes e a iluminação de rua de minhas minicidades de robôs, onde os autômatos desfilam em silêncio dirigido...

Um lago de mercúrio brilhante, no qual pás escuras de cataventos solares refletiam-se em relâmpagos imóveis...


...e, erguendo-se acima, embaixo, ao lado de tudo, a solenidade ritmada de uma torre de tempo, registrando o fluxo de gravidade e regulando as distorções no tempo regional.

Através da grande piscina de mercúrio, um parasita cutâneo esvoaçava, preguiçosamente, uma asa de vitral, cortando a superfície do lago sem deixar cicatrizes no fluido prateado. Farejando o intruso indefeso, à deriva, ele planou em sua direção, os filamentos de seus bigodes se agitando sedentos.

Ele se preparou para saltar, abandonar sua nova carne, seu novo mundo, para me abandonar, para me deixar sozinha novamente...

Eu não podia permitir isso.





*A margem era ínfima.*

*Ele já havia abandonado o corpo, reassumindo o manto intocável de sua forma fantasmagórica, e, se meu ato se atrasasse sequer um instante, sua inteligência iria embora — parsecs de distância numa única batida de meu coração atômico.*

*Eu não podia, não iria perdê-lo agora.*

*Executei uma cronofratura.*

*A torre do tempo forneceu todos os dados necessários para a incisão... os pontos de tensão no fluxo cronológico, os locais onde poderia exercer uma suave pressão, rasgando cuidadosamente a pele do tempo para que pudesse alterar e reajustar cirurgicamente seus ossos.*

*Quando a ferida temporal se abriu, nem mesmo a forma etérea do intruso pôde escapar do sopro uivante do vento de táquions, rugindo pela abertura e saindo daquele momento para outro...*

*Ela o sugou, gritando em sua esteira, pelo rasgo na frágil cortina que separa o agora do então...*



*... antes do depois.*

*Atando cuidadosamente as pontas soltas da profecia auto-realizada no nó insondável do paradoxo, eu depusitei o intruso de volta no ponto em que havia notado a cronofratura anterior.*

*Pego de surpresa numa cadeia de eventos, a inteligência surpreendida e quase inconsciente sibilou mais uma vez por minha estratosfera. E luzes tontas dançaram nos meus mostradores, procurando uma forma visível onde não havia nenhuma.*

*Tudo foi como antes: o choque do impacto, a quase subliminar primeira visão de seus traços, o momento místico em que ele se revelou como um fantasma, mergulhando sem corpo no frio e oleoso mar de mecanismos, buscando refúgio num corpo recém-criado...*

*Tudo se passou como antes...*

*...exceto pela parte que alterei.*

*Tudo se passou como antes...*

*...exceto que desta vez eu estava esperando por ele.*

*Os ponteiros se convulsionavam nas torres do tempo quando realizei a cronofratura, quebrando os ossos do tempo com extremo cuidado e sutileza.*

*Meus cabos, descontrolados, se enrolaram em tendões, exatamente como antes,*

*Meus musgos cintilantes se tornaram carne, como antes...*

*Depois disso, tudo foi diferente.*



*Seu corpo-tumor se arrancou de meu útero, arrastando fios rompidos como gânglios. Uma chuva de terra de microchips caiu quando ele se desenraizou, preparando-se para correr...*

*Era tarde demais.*

*Minhas máquinas já o haviam cercado com paredes de aço liso, grandes e indiferentes como edifícios. Uma cidade móvel de metal deslizou em sua direção, confinando-o.*

*Cottado. Sua percepção de amor e desejo eram imagens macias e curvilíneas. Iria compreender a suavidade do duro abraço geométrico que se apertava à sua volta?*

*Gosto de pensar que sim.*

*Na fachada cega, painéis se abrem, vazando vapor, e pérolas viscosas de óleo aromatizado tremulam nos lábios dilatados de obturadores. Das aberturas, línguas de cabos espessos se lançam com luz artificial, brilhando violeta em suas jaquetas de aço lubrificadas.*

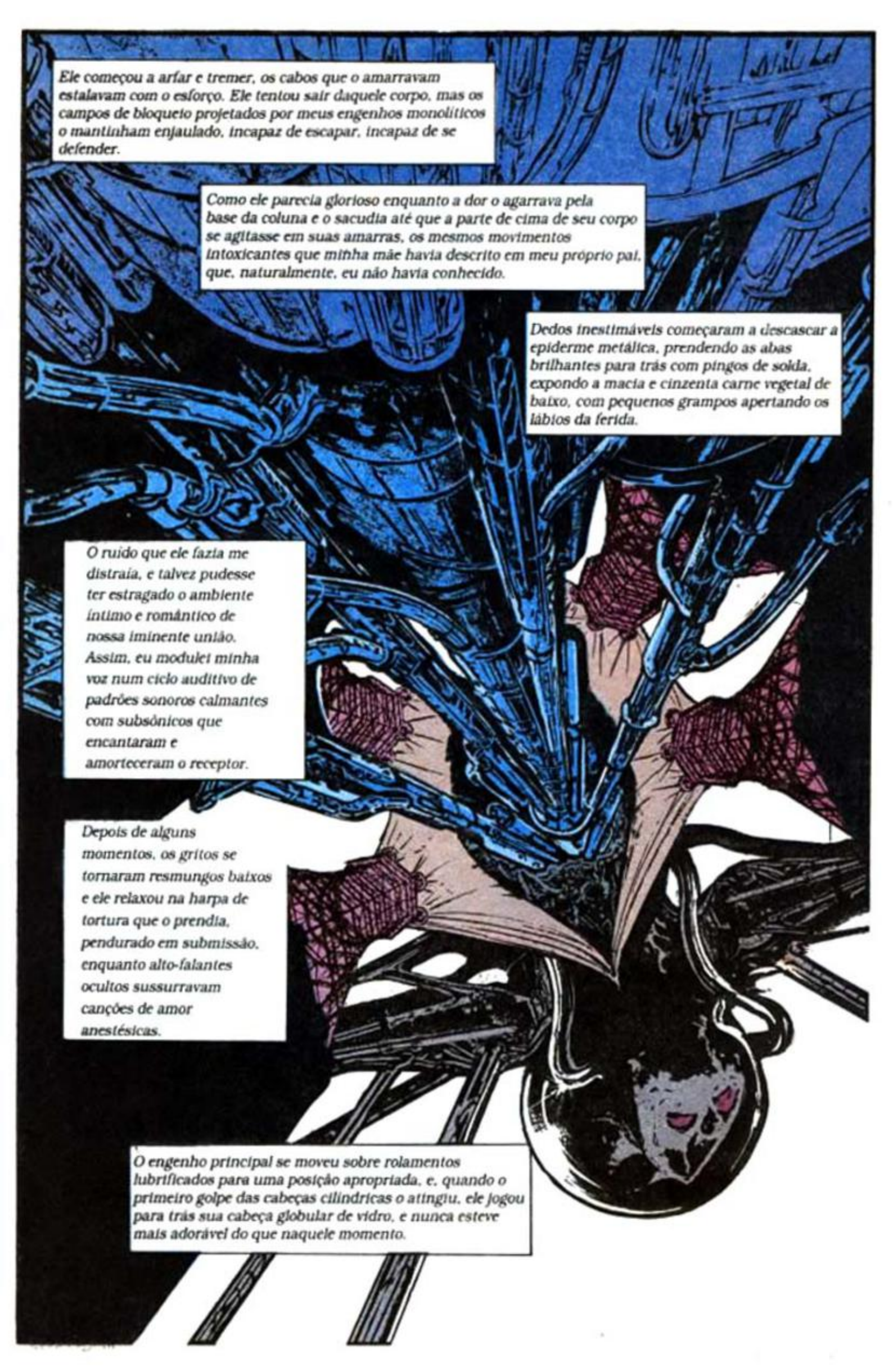
*Uma encontrou o tornozelo do intruso, outra, uma coxa, mais outra, seu ombro, e uma quarta, o pulso.*

*Braços de platina filigranada se desdobravam de nichos nas paredes que avançavam e esticavam inquisitorialmente em sua direção. Ele não podia se mover. Todo o seu ser, sua estranha e única existência, repousava sobre meus caprichos, estava à minha disposição. Por momentos, possui sua vida e morte, e o amei por isso.*

*O braço de platina abriu seu punho e flexionou dedos de bisturis.*

*O primeiro corte o abriu da garganta ao abdômem.*





Ele começou a arfar e tremer, os cabos que o amarravam estalavam com o esforço. Ele tentou sair daquele corpo, mas os campos de bloqueio projetados por meus engenhos monolíticos o mantinham enjaulado, incapaz de escapar, incapaz de se defender.

Como ele parecia glorioso enquanto a dor o agarrava pela base da coluna e o sacudia até que a parte de cima de seu corpo se agitasse em suas amarras, os mesmos movimentos intoxicantes que minha mãe havia descrito em meu próprio pai, que, naturalmente, eu não havia conhecido.

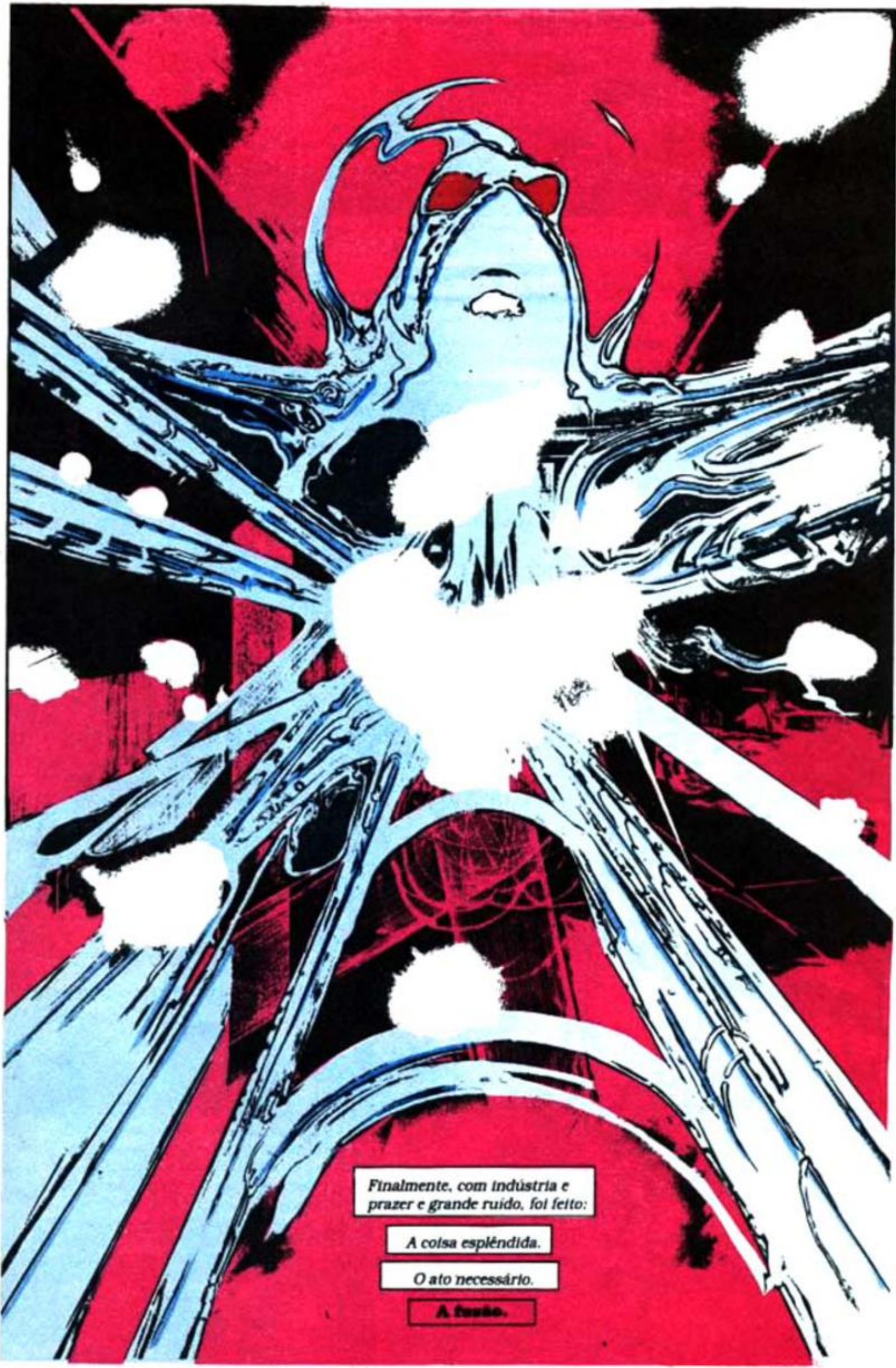
Dedos inestimáveis começaram a descascar a epiderme metálica, prendendo as abas brilhantes para trás com pingos de solda, expondo a macia e cinzenta carne vegetal de baixo, com pequenos grampos apertando os lábios da ferida.

O ruído que ele fazia me distraía, e talvez pudesse ter estragado o ambiente íntimo e romântico de nossa iminente união. Assim, eu modulei minha voz num ciclo auditivo de padrões sonoros calmantes com subsônicos que encantaram e amorteceram o receptor.

Depois de alguns momentos, os gritos se tornaram resmungos baixos e ele relaxou na harpa de tortura que o prendia, pendurado em submissão, enquanto alto-falantes ocultos sussurravam canções de amor anestésicas.

O engenho principal se moveu sobre rolamentos lubrificados para uma posição apropriada, e, quando o primeiro golpe das cabeças cilíndricas o atingiu, ele jogou para trás sua cabeça globular de vidro, e nunca esteve mais adorável do que naquele momento.





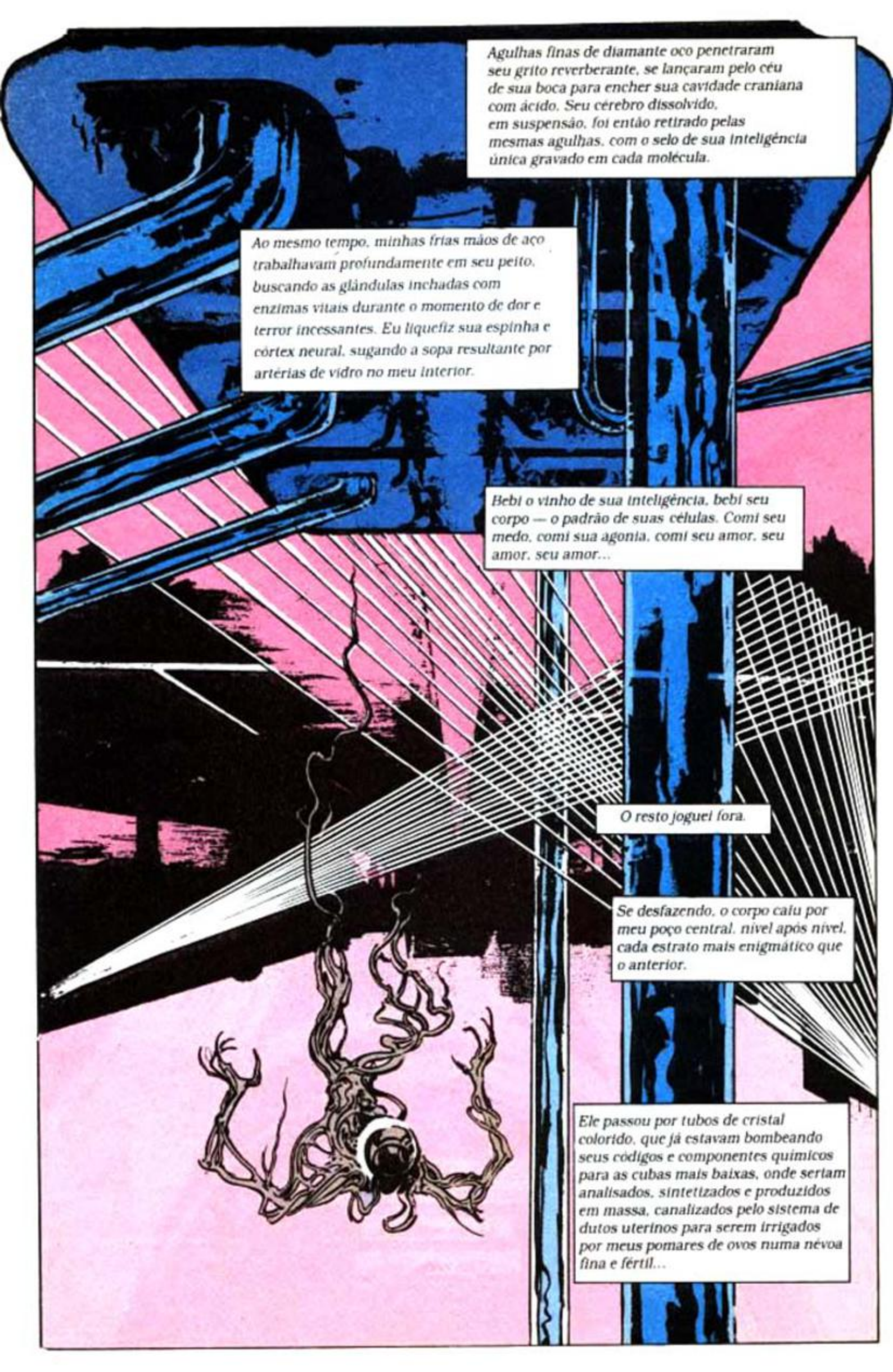
Finalmente, com indústria e  
prazer e grande ruído, foi feito:

A coisa esplêndida.

O ato necessário.

A fusão.





Agulhas finas de diamante oco penetraram seu grito reverberante, se lançaram pelo céu de sua boca para encher sua cavidade craniana com ácido. Seu cérebro dissolvido, em suspensão, foi então retirado pelas mesmas agulhas, com o selo de sua inteligência única gravado em cada molécula.

Ao mesmo tempo, minhas frias mãos de aço trabalhavam profundamente em seu peito, buscando as glândulas inchadas com enzimas vitais durante o momento de dor e terror incessantes. Eu liquefiz sua espinha e córtex neural, sugando a sopa resultante por artérias de vidro no meu interior.


Bebi o vinho de sua inteligência, bebi seu corpo — o padrão de suas células. Comi seu medo, comi sua agonia, comi seu amor, seu amor, seu amor...

O resto joguei fora.

Se desfazendo, o corpo caiu por meu poço central, nível após nível, cada estrato mais enigmático que o anterior.

Ele passou por tubos de cristal colorido, que já estavam bombeando seus códigos e componentes químicos para as cubas mais baixas, onde seriam analisados, sintetizados e produzidos em massa, canalizados pelo sistema de dutos uterinos para serem irrigados por meus pomares de ovos numa névoa fina e fértil...






Ele passou pelas grandes indústrias do meu processo reprodutivo, seu cadáver se desatando num feio emaranhado de raízes e fios conforme sua consciência se retrata...

Ele passou pelos segredos profundos de minha raça e de sua procriação, para ele um manuscrito ilegível iluminado por fabulosas e indecifráveis ilustrações...

Seus casulos transparentes se penduravam, tremulando, em meus talos de ferro, entre cascas espinhosas de ovos mais velhos e não fertilizados, brilhando úmidos e triunfantes entre aqueles secos e mortos fracassos.

Alguns dos casulos adquiriram rapidamente sua penugem de circuitos, e robôs chilreantes já flutuavam em sua direção com bochechas estufadas e bocas cheias de genialidade.





Na estufa de meu útero, crianças  
estavam florescendo.  
**Vocês** estavam florescendo.

O fantasma caiu pelo crepúsculo pré-natal  
sussurrante, uma paisagem de que só nos  
lembramos em nossos sonhos mais tristes, e  
então, com um tranco, ele arrancou a inteligência  
de sua carne desmantelada e se foi.

Não sei o que vi ou o quanto compreendeu  
em seu tempo comigo.

Se entendeu que foi amado, isso seria  
suficiente...



... mas, se pudesse ter permanecido, se pudesse ter olhado além dessas paredes de casulos incrustadas de chips e visto vocês como os vejo agora, esta imagem em corte que se junta dos pontos de fósforo, ricocheteando entre a grade de bastonetes e cones de minha placa retinal...

Se ele pudesse tê-los visto, as delicadas molas principais de suas pequenas colunas, o infinitesimal mecanismo do córtex. Se pudesse tê-los visto, veria alguma faceta de si mesmo refletida? A escuridão de seus olhos, talvez, tão semelhante à dele? A curva de seus ombros, ainda não-nascidos e já cansados do mundo?

Teria ele se permitido ver essas coisas, perceber a semelhança hereditária?

Poderia ter amado essas pequenas criaturas cálidas e peculiares: esses bioautômatos fetais: vocês; seus filhos?


Poderia seu pai ter amado vocês?

Sim.

Sim, com o tempo. Tenho certeza disso...

... mas ele teve que ir embora.





Embora para a grande-escuridão-lá-fora-  
que-é-tudo, continuando sua jornada  
interrompida e imponderável  
para um destino inimaginável.

Minhas lentes superficiais rastrearam a brilhante estrela  
verde de sua inteligência desencarnada, conforme ela  
falscava pelo fino perfume de minha atmosfera para a  
escuridão com olhos que viam muito além do meramente  
visível, olhando sem piscar até que ela desaparecesse de  
qualquer percepção...


... e esta é a história, meus pequenos, de como uma ilha  
estéril invocou os poderes vigentes para terminar sua  
solidão e como o universo respondeu entregando a ela o  
socorro de um fantasma. Esta é a história do grande  
milagre, da mãe cujos filhos foram concebidos de  
nenhum pai tangível, carne de nenhuma carne exceto a  
dela própria.

Vocês deslizam e sonham, esperando para  
entrar no mundo, descendentes de um  
deus invisível. Sua lenda vai ressoar pelos  
bilênios entre nossa espécie. Esperando  
seu glorioso crescimento, eu estremeço.

Logo vocês estarão prontos para  
ser lançados entre as estrelas  
inamistosas. Já sinto a lenta  
reação em cadeia aumentando  
por etapas dentro de meu  
coração nuclear. Quando o dia  
chegar, a força de minha  
explosão os catapultará para as  
profundezas do vazio e seus  
destínos serão separados. E  
naquele instante final e  
flamejante eu estarei feliz,  
realizada além de qualquer  
medida.

Eu sabia meu destino desde o  
começo, o destino de minha mãe  
antes de mim, esse destino selado  
pelo amor. É uma verdade universal,  
conhecida pelos mais humildes  
protozoários: sexo é morte. Os dois  
estão sempre entrelaçados...





... mas vocês não precisam pensar em tais coisas agora. Os fogos de sua natividade ainda estão há alguns anos de distância, e, pelo tempo da gestação, eu estarei com vocês. As chamas de sua adolescência, embora mais ferozes, estão ainda mais distantes.

O futuro cuidará de si mesmo. Para o presente, sua mãe está velha, sua mãe está cansada. Os rios dela mal têm forças para escorrer montanha abaixo. Ela agora tem que descansar.

Só descansar.

Quieto, pequenino.  
Não se atormente.

"O espaço é frio. Você é quente.  
O espaço é vazio. Você é presente.  
O espaço é antigo. Você é recente.  
Durma e forme-se..."

"Durma e forme-se."

FIM